

DEPARTAMENTO DE LETRAS  
**A FACILITAÇÃO DO ENSINO DE MORFOLOGIA NA ESCOLA:  
O TRABALHO COM TEXTOS**

*Alexandre Delpech (UERJ)*  
[ale\\_delpech@yahoo.com.br](mailto:ale_delpech@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Neste capítulo, temos o intuito de trazer, conforme teoria-base, a seguinte problematização: o trabalho com textos facilita o ensino da Morfologia da Língua Portuguesa na escola?

Nele traremos o poema: “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto, cuja análise servirá para ilustrar didaticamente os exemplos demonstrados em nossa teoria, como forma de reafirmar a necessidade de se trabalhar o texto literário, com qualquer conteúdo que esteja sendo apresentado em aula, para que se possa explorar a contextualização, visando promover formas mais agradáveis de lecionar.

Compararemos esta proposta com uma proposta tradicional, ministrada em algumas aulas de morfologia, onde a prática docente se dá com palavras sem um contexto, colocadas no quadro, com suas respectivas derivações e significados.

Para defender nossos argumentos, além do poema de Melo Neto, utilizaremos os textos teóricos de Bakhtin, Beth Brait, Celso Pedro Luft, Paulo Coimbra Guedes e Paulo Freire; assim como uma pequena mostra do que se nos apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa para o Ensino Médio em seu conteúdo: “sentido do aprendizado na área”.

## O TEXTO LITERÁRIO DE APOIO X UM PRETEXTO QUALQUER

### *A educação pela pedra*

Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, freqüentá-la;  
captar sua voz inefática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
ao que flui e a fluir, a ser maleada;

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições de pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
e se lecionasse não ensinaria nada;  
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
uma pedra de nascença, entranha a alma. (Melo Neto, 1995, p. 338)

A leitura deste poema reportou-me a algumas aulas de Língua Portuguesa que já tomei conhecimento. No próprio título recordei-me – talvez pela relação pedra / apedrejar: que lembra prefixo, radical, sufixo etc. – a forma pela qual são ministradas algumas aulas de morfologia, como podemos observar nos exemplos dados abaixo, representando a simulação de uma destas aulas.

Raiz	Vogal	
Radical	temática	
◀.....▶ <b>Pedr</b>	◀.....▶ <b>a</b>	=> Substantivo comum, concreto, feminino, simples, primitivo.

Semântica do produto: Formação rochosa; mineral lapidado; quadro negro; fig.: o que é duro, insensível.

Raiz	sufixo	
Radical		
◀.....▶ <b>Pedr</b>	◀.....▶ <b>eira</b>	=> Substantivo comum, concreto, feminino, simples, derivado.

Semântica do produto: Lugar no qual a pedra é extraída.

Raiz	sufixo	
Radical		
◀.....▶ <b>A pedr</b>	◀.....▶ <b>ejar</b>	=> Verbo derivado com formação parassintética: pref. “a”; suf. “ejar”.

Semântica do produto: Ação de sacudir pedras em alguém, ou em alguma coisa; jogar pedras em outrém.

Radical	VT sufixo	
◀.....▶ <b>Apedrej</b>	◀.....▶ <b>a mento</b>	=> Subst. comum, abstrato, masculino, simples, derivado; com” formação sufixal a partir da base apedrejar.
	◀.....▶ tema	

Semântica do produto: nome dado ao ato de apedrejar alguém ou alguma coisa.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Além dessas palavras, também teríamos: apedrejado, empedrar, empedrado, empedramento, pedregulho, pedregoso, pedreiro, pedrento e pedroso; todos estes exemplos possíveis, retirados do minidicionário do MEC, os quais ilustramos com o intuito de demonstrar como seria apresentada uma aula tradicional de morfologia da Língua Portuguesa: com essas palavras postas, como no esquema acima, isoladas de um contexto, trabalhadas apenas no quadro negro, sem contextualização, sem um texto literário, por exemplo. Isso em detrimento de uma possível aula da mesma matéria em questão, apresentada com o apoio do texto literário proposto; explorando as palavras “criações poéticas” que Melo Neto insere de forma magistral neste poema (todas passíveis de comentários sobre Morfologia): Freqüentá-la, inenfática, impessoal, maleada, entre outras; fazendo intertextualidade como, por exemplo, “Morte e vida Severina”; trabalhando a interdisciplinaridade, com as matérias: História, Geografia; contextualizando o discurso social que esse poema propõe, através de questões como a fome, a miséria, os currais eleitorais existentes pelo Norte e Nordeste do país, até os dias atuais; fazendo com que os alunos se interessem pela matéria: Morfologia da Língua Portuguesa, porque houve uma discussão interessante durante a aula, debatendo questões do dia-a-dia do aluno, problemas que esses alunos sentem ou temem.

A partir deste pressuposto, é nosso intuito apresentar uma linha de análise do poema de Melo Neto, improvável: do ponto de vista da Teoria Literária, mas possível: a partir da base trazida nos argumentos dos teóricos da Educação e da Língua Portuguesa que discutiremos neste ensaio.

Quando dizemos improvável, é porque sabemos que, literariamente, os críticos nos impedem de analisar poemas pelo ponto de vista retórico-discursivo-semiótico, sócio-histórico-político-cultural, sob pena de sofrermos com as críticas que classificam, tais analistas, como portadores de devaneios analítico-literários; ou seja, deve-se fazer a análise da obra, pelo que está escrito, da palavra, pela palavra que esta obra verdadeiramente contenha (segundo os críticos literários).

Contudo esse ponto de vista que pretendemos discutir aqui: comparar as duas estrofes do poema de Melo Neto com algumas formas de pedagogia utilizadas, possivelmente, por alguns professores de Língua Portuguesa, poderá ser de fácil aceitação, uma vez que utilizemos os textos teóricos de apoio, mencionados em nosso trabalho.

A ANÁLISE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA PRIMEIRA ESTROFE

Iniciaremos nossa análise pela primeira estrofe do poema, comparando o primeiro verso: “uma educação pela pedra: por lições;” com uma pedagogia tradicional. Isto é didaticamente possível de ser defendido, começando pelo próprio dicionário (*Minidicionário*, 2001) que nos traz entre as possibilidades de decodificação do semantema lexical (a semântica da palavra) pedra, em seu sentido figurado “o que é duro, insensível”; podendo se reportar em um dos seus sentidos denotativos a quadro negro. Dessa forma, não me custou relacionar a educação pela pedra com algumas aulas de morfologia e classes de palavras em língua portuguesa, apresentadas em quadro negro, sem uma contextualização, sem um texto de apoio, apenas com as diversas palavras “soltas” que podem ser formadas pelo substantivo pedra, visto que este é riquíssimo em derivações como pudemos observar nos exemplos apresentados no início deste capítulo.

Se a dureza e insensibilidade retratadas na palavra pedra, também correspondente a quadro negro, reflete-se nas lições da pedra, em frequentar as aulas e na “voz inenfática” ( por lições de dicção, de moral, de poética e de economia ), que vindo “de fora para dentro”, pode nos remeter ao professor e refletindo-se na “cartilha muda, para quem soletrá-la” ( o aluno talvez ), então nossa análise apontará a primeira estrofe do poema como um exemplo de pedagogia tradicional ou liberal, criticadas tão enfaticamente na teoria libertadora do professor Paulo Freire (1995).

Poderíamos dizer que esta primeira estrofe do poema demonstra uma educação bancária, exemplificada na “simulação de aula de morfologia” que introduz este trabalho, com as ilustrações semelhantes às apresentadas em uma aula tradicional: morfemas: raiz ou radical (pedr), vogal temática (a), base ou Tema: pedra, etc.; e suas respectivas formações derivacionais, assim como os conceitos morfo-sintático-semânticos que os seguem. Trouxemos essa análise à tona, com o intuito de problematizar as críticas contidas em Freire 95.

Para um maior embasamento do exemplo citado, vejamos o que diz o professor Paulo Coimbra Guedes (UFRGS), em suas duras críticas – aos educadores de um modo geral e aos professores de Língua Portuguesa em particular – no artigo que escreveu para a revista educativa *Organon* nº 25:

Desde a direção que ameaça punir – às vezes pune – quem escreveu palavras nas paredes da escola, passando pelos professores – às vezes até mesmo

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

os de Português – que deploram a qualidade da leitura e da escrita dos alunos sem nada terem feito a favor dessa qualidade, que cometem erros de ortografia nos quadros de suas salas de aula e reclamam da ortografia dos alunos, chegando à servente que repreende as alunas dizendo que moça não grita, que só vileira fala daquele jeito, ao vigia que exige que os alunos o chamem de senhor, todo mundo exercita o “natural” direito de dar o seu palpite “educativo” sobre a mais adequada conduta lingüística.

Nenhum dos outros conteúdos tratados na escola, enfim, é tão desgraçadamente ‘interdisciplinar’ quanto Língua Portuguesa e nenhuma mais do que ela está tão nocivamente presente no ‘currículo oculto’ da escola. Além disso, nenhuma outra é tradicionalmente orientada por uma política didático-pedagógica que se tenha tornado historicamente tão sem sentido e tão distante de sua finalidade original e que tenha sido desde sempre tão incompatível com a promoção da cidadania. (Guedes, 1997)

Estes – citados pelo professor – e muitos outros fatos, são lições da pedra ( de fora para dentro, cartilha muda ), para quem soletrá-la; num pastiche literal de Melo Neto, para resumir nossa análise da primeira estrofe. pois só esta daria uma tese – literária talvez – mas bem provavelmente na área da Educação.

### A ANÁLISE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA SEGUNDA ESTROFE

Quanto a segunda estrofe, poderíamos dizer que esta seria eficiente, enquanto defensora de uma pedagogia libertadora? Talvez, vejamos:

Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática).

A palavra “outra”, desta segunda estrofe, em oposição à palavra “uma” da primeira estrofe, traz um indício semântico de que toda a estrofe que se inicia será contrária à estrofe anterior. Mas isso ainda não garante o teor da pedagogia libertadora que desejamos defender aqui, pois também em oposição à pedagogia liberal ou tradicional, que se insinua na primeira estrofe, está a pedagogia progressista que, embora tenha muito maior relação de troca e diálogo entre educador e educando, ainda não é a teoria da libertação do prof. Paulo Freire que buscamos defender como exemplo de análise desta estrofe.

A próxima palavra que nos chama a atenção, ainda neste primeiro verso é Sertão com “s” maiúsculo. Por que maiúsculo? O que o poeta queria demonstrar com isso?

Existem muitas possibilidades de interpretação ou análise deste fragmento. Destacamos aqui, duas que pudemos alcançar, dentre as quais, realmente, valeriam ser citadas: a primeira possibilidade deste

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“Sertão”, seria simbolicamente o que mais castiga o sertanejo: onde o sol é mais ardente e há a necessidade de uma real libertação. A educação pela pedra, neste caso, representa a lógica da sobrevivência. Isto não se ensina e não se aprende. Isto é pré-didático e estaria, de certa forma, atrelado ao que o professor Freire 95 escreveu em sua tese que parafraseamos na afirmativa de que a educação vem de dentro para fora e é uma questão de libertar-se para viver melhor.

Neste caso, o “Sertão”, que muito castiga o sertanejo, estaria comparado ao empregador, que castiga, explora, abusa do proletário cujo principal objetivo deve ser livrar-se, desprender-se, libertar-se.

Contudo, em uma Segunda análise possível, destes versos o “Sertão” pode representar o amor e o apego que o sertanejo tem por seu lugar de origem, sua terra, seu refúgio, um “porto seguro” para quem teme se aventurar. Isto também se reflete na relação patrão/empregado cuja admiração e respeito deste não o permite enxergar naquele o culpado pela sua situação de extrema dependência, como menciona Freire 95.

Os quatro versos que se seguem, nesta estrofe, vêm reafirmar essas idéias, crescendo o que Bakhtin denominou para o enunciado como situação social complexa, atribuindo isto ao fato de que “o homem emerge do outro”.

Quando falamos, não estamos agindo sós. Todo locutor deve incluir em seu projeto de ação uma previsão possível de seu interlocutor e adaptar constantemente seus meios às reações percebidas do outro. Como decorrência mesmo desta reciprocidade, toda a ação verbal toma a forma socialmente essencial de uma interação. ‘Nenhum enunciado em geral pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores e, num sentido mais amplo, o produto de toda esta situação social complexa, em que ele surgiu (Bakhtin, in Todorov, 1981, p. 50; Brait, 1997)

Como poderia haver essa reciprocidade verbal, tomando forma de interação, se “no Sertão” a pedra não sabe lecionar? Talvez o eu-lírico deste poema quisesse dizer que a pedra não sabe ou não ensinaria se soubesse, no sentido de esta estrofe ir de encontro à imposição de uma pedagogia tradicional referida na primeira estrofe. Partindo então desse ponto de vista nossa análise segue ao encontro da “Pedagogia do Oprimido”, pois “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1995).

Por isso “lá não se aprende a pedra”, que por conseguinte é “uma pedra de nascença” e o entranhar da pedra na alma, descrito no poema, nos deixa a impressão de que esta pedra “pré-didática” só se tornará – a

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

partir da conscientização – uma didática da libertação; a pesar das dificuldades docentes e discentes vividas, não só no sertão, mas também nos subúrbios dos grandes centros urbanos.

Tomando por base essas reflexões, buscamos apoio junto aos PCNLP (Ensino Médio), que em seu título: “sentido do aprendizado na área” nos orienta da seguinte forma:

(...) A linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo, e exige dos professores essa perspectiva em situação didática.

A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (Brasil, 1999)

Por isso para nós a segunda estrofe de Melo Neto se reporta à necessidade que o homem tem de se expressar, precisando antes de se libertar das amarras que os cercam e os prendem em sua ignorância. Também a esse respeito escreveu Luft como segue:

A concepção democrática do cronista apenas lembra a verdade secular de que é ‘o povo que faz a língua’ (Veríssimo, *apud*: Luft, 1984). Muitas pessoas se escandalizam ouvindo isso, entendendo por povo o assim chamado povão. Sem dúvida o povão é dono da sua língua. Mas o termo ‘povo’ engloba todos os falantes, o universo dos que, intuitivamente, usufruem e recriam constantemente o sistema que poderíamos chamar de ‘inconsciente coletivo lingüístico. (Luft, 1984)

Este fragmento nos mostra de um modo bem claro que a língua é viva, por isto está sempre em movimento e, principalmente por viver, vem de dentro para fora como todas as demais coisas do sujeito. Temos então no poema de Melo Neto, por um lado, na primeira estrofe, a gramática como objeto de ensino e opressão; por outro, a língua como instrumento de comunicação e liberdade.

## CONCLUSÃO

Se à primeira estrofe nos reportamos como defensora de uma pedagogia tradicional, que lembra as aulas de gramática, nas quais se aplicam as palavras fora de contexto (sem a utilização de textos, quaisquer que sejam); à segunda denominaremos libertadora ou libertária, por ser esta “pré-didática”; assim – fazendo bom uso deste texto – poderíamos pedir que os alunos destacassem esta palavra e, em seus cadernos, ano-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

tassem: pré+didat+ica, explicando sua formação: pré (prefixo) = o que vem antes de; didat (raiz) – didata (base) = o que aprende; ica (sufixo) = formador de substantivo (às vezes com sentido de flexão de grau no diminutivo). Isto poderia ser feito também com as palavras: inenfática, impessoal, maleada, carnadura, poética, nascença, e todas as várias formações verbais existentes no poema.

Trazemos, portanto, a sugestão de que há uma iminente necessidade de trabalharmos o ensino da língua portuguesa – em todos os seus níveis, também em todas as suas divisões gramaticais – a partir do texto, primando pela leitura, compreensão e interpretação, com base no conhecimento de mundo dos alunos e preferencialmente com temas de interesse comum à maioria desses alunos. Utilizando-nos sim dos clássicos, mas sem abrir mão do que há de popular, como por exemplo: as letras das músicas; e da mesma forma, primando pela boa utilização dos mais diversos recursos tecnológicos que forem possíveis disponibilizarmos.

## BIBLIOGRAFIA

- BRAIT, Beth. In: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMPI, 1997.
- BRASIL, República Federativa do. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GUEDES, Paulo Coimbra. A língua portuguesa e a cidadania. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Vol. 11, N. 25, 1997.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 338.
- MINIDICIONÁRIO de língua portuguesa*. MEC-Brasil, 2001.